

Economia Mundial e Ausência de Justiça

Questionamento na Perspectiva do Terceiro Mundo¹

Lothar C. Hoch

Introdução

Na teologia da libertação latino-americana o Apocalipse de João é muito apreciado. Por quê? Porque nesse livro os poderes que atemorizam este mundo são revelados, expostos, desmascarados. A comunidade de Jesus Cristo precisa saber com quem está lidando ao lutar contra a injustiça. Ela precisa poder identificar os ídolos que governam este mundo. Precisa desvendar o sistema que causa sofrimento. Apocalipse significa justamente “revelar”, “descobrir”, não se deixar obcecar pela aparência exterior, mas olhar por trás dos bastidores e conhecer o verdadeiro rosto das coisas. Alguns dentre nós denominaram essa tarefa — que, aliás, é uma tarefa de toda a comunidade de Cristo — de “análise de conjuntura”. Entretanto, o que os profetas do Antigo Testamento e os textos apocalípticos têm em vista é mais do que isso. Eles encaram a história como um campo de tensão no qual atuam poderes conflitantes. Aquilo que acontece no palco do mundo não pode ser conhecido apenas com meios empíricos, ou seja, a olho nu. Os olhos da fé precisam ser usados também. Só então a análise de conjuntura adquire um componente teológico.

Durante muito tempo, durante tempo demais os pobres na América Latina foram mantidos na escuridão no tocante às causas de seu sofrimento. Foram-lhes passadas explicações sobrenaturais. Por conseguinte, não lhes restou outra coisa do que entregar-se a seu destino de sofrimento. A motivação para uma colaboração ativa na transformação da sociedade só surgiu quando eles começaram a identificar as causas que acarretaram seu sofrimento.

A questão, porém, é até que ponto as experiências feitas na América Latina podem ser transpostas para a situação reinante aqui na Alemanha. Será que as pessoas aqui vão se deixar persuadir a questionar e combater um sistema econômico, se a maioria delas sempre ainda se beneficia dele? Será que a Igreja estará disposta a serrar o galho sobre o qual está assentada? Será que a pressão do sofrimento não precisa crescer mais ainda também aqui na Europa, para que as pessoas e as igrejas se tornem dispostas a empreender seriamente algo que vise uma mudança? Nós não sabemos. Ainda assim, não podemos nos limitar a uma

atitude de espera. Podemos nos juntar àqueles que já agora estão em vias de perecer por causa do sistema econômico e com aqueles que já agora percebem onde tudo isso vai acabar.

O fato de vocês estarem aqui para realizar um Dia dos Católicos alternativo ou um “Dia da Igreja Ecumênico a partir de baixo” atesta que vocês estão acostumados a assumir suas convicções, eventualmente passando ao largo das estruturas de poder existentes na sociedade e na Igreja, perfeitamente cientes do que está em jogo. Um Dia da Igreja ecumênico tem diante dos olhos a perspectiva de todo o mundo habitado, e, como romeiro deste único mundo, sempre se encontram companheiros de caminhada com os quais vale a pena e até tem graça sonhar e agir em conjunto. Alegro-me por ter a oportunidade de estar aqui entre vocês, ainda que apenas por pouco tempo.

Primeiro Capítulo: a Besta como Símbolo de Nossa Ordem Econômica Mundial

O autor do Apocalipse de João gosta de falar através de imagens quando quer expor à sua comunidade o que está se passando no palco do mundo de momento. Ele tem uma visão ampla. Não pode falar de Jesus Cristo e do reino de Deus sem ter em vista César e o Império Romano. No cap. 13 ele compara o Império Romano com um animal, mais precisamente com uma besta. Não pude resistir à tentação de fazer uso da riqueza dessa linguagem figurada para descrever a situação atual. Creio não estar violentando o espírito desse escrito se faço uso de sua linguagem de modo seletivo e sem uma exegese mais aprofundada. Apreendi com os/as cristãos/ãs da América Latina a aplicar imagens bíblicas de modo bem direto a situações do presente.

Algumas características de assombrosa atualidade distinguem a besta descrita no cap. 13 do Apocalipse.

Primeira Característica da Besta: Capacidade de Renovação Constante

Reza o v. 3: “Então vi uma de suas cabeças como golpeada de morte, mas essa ferida mortal foi curada; e toda a terra se maravilhou com a besta.”

Repetidamente se creu — Karl Marx não foi o único! — que o sistema capitalista se arruinaria. Contudo, o que se observa é que o capitalismo está mais forte do que nunca. Ele tem uma capacidade espantosa de explorar momentos de crise e renovar-se permanentemente. O colapso do socialismo estatal no leste e a diminuição da ameaça de uma confrontação nuclear despertaram a esperança de que os ricos países industrializados pudessem ser persuadidos da necessidade de uma reorientação da ordem econômica mundial. O *Human Development Report*

publicado em 1993 pela Organização das Nações Unidas conclama insistentemente os países industrializados do norte a participar da elaboração de uma estratégia de desenvolvimento que seja socialmente justa e possibilite duradouramente a sobrevivência para todas as pessoas em todas as partes do mundo. O que observamos, porém, é meramente o reordenamento de antigas estruturas de poder. Uma ordem econômica mundial realmente nova teria que ser negociada com os países pobres. Enquanto isso não acontecer, a ordem econômica mundial continuará sendo o que foi até agora: a ordem econômica de uma parte mais rica do mundo que é imposta à parte mais pobre. Também os novos acordos do GATT não mudam muito nisso.

“E toda a terra se maravilhou com a besta”! É de fato milagroso como a besta cresce, medra e engorda.

Segunda Característica da Besta: Universalização de Sua Esfera de Influência

Expressando-o com as palavras do vidente: “Deu-se-lhe ainda poder sobre cada tribo, povo, língua e nação.” (V. 7.)

Nunca na história da humanidade houve uma estrutura de poder político, religioso ou econômico que tivesse exercido tal influência ao mesmo tempo sobre tantas pessoas em partes tão diversas do mundo como a economia capitalista de mercado determinada pelo Ocidente. Nem o Império Romano no auge de seu poder nem a Igreja em seus melhores tempos exerciam tanto poder sobre tantas pessoas como ela. Até há pouco tempo, quando o mundo ainda estava cindido em dois campos, havia pelo menos um poder contrário que pretendia ser uma alternativa. Este, porém, se esfumou, e o capitalismo pode continuar sua marcha triunfal sem ser molestado e sem sofrer concorrência.

Nenhum povo, nenhuma tribo no mais remoto recanto desta terra fica intangido por decisões que são tomadas em algum ponto entre Chicago, Tóquio e Frankfurt. Sua existência é determinada direta ou indiretamente, p. ex., pelo nível dos preços das matérias-primas ou da taxa de juros que é fixado nesses centros de poder. Hoje em dia é preciso falar de uma ubiqüidade do sistema capitalista — uma categoria que, a rigor, se costuma empregar exclusivamente em conexão com o discurso sobre Deus.

“Se alguém tem ouvidos, ouça”, diz o vidente no livro do Apocalipse (v. 9). Pois aqui se trata de idolatria.

Terceira Característica da Besta: Determinação das Regras do Jogo

“A todos, os pequenos e os grandes, os ricos e os pobres, os livres e os escravos, faz que lhes seja dada certa marca sobre a mão direita, ou sobre a frente,

para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tem a marca da besta...” (vv. 16s.).

O Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial atuam como agentes das nações industrializadas e ditam os planos econômicos que devem ser executados nos países endividados. Isso acontece por meio dos assim chamados programas de ajuste estrutural². O que é isso? Obviamente, os programas de ajuste estrutural são esboçados pelos ricos países industrializados e visam servir para melhorar o clima para investimentos estrangeiros em nações pobres. Deles fazem parte a eliminação de regulamentações de comércio e investimento, a redução do déficit do governo, programas de privatização, a diminuição da inflação e muitas outras coisas mais. Em termos práticos visa-se a criação de um clima mais favorável para investimentos no país. Pois só assim, afirma-se, poder-se-ia aumentar a produção, criar empregos, em suma: produzir desenvolvimento. Cerca de 75 países da África, Ásia, América Latina, Caribe e Europa oriental receberam empréstimos da ordem de 41 bilhões de dólares para executar esses programas de ajuste estrutural.

Qual foi o resultado desses programas? Quase todos fracassaram. Por um lado, porque contribuíram para um endividamento adicional desses países e, por outro, porque com frequência verbas que estavam destinadas para a educação e o sistema de saúde e para a produção de alimentos básicos foram desviados para a produção de artigos de exportação. Com isso o produto interno bruto cresceu na maioria dos casos, mas só uma pequena maioria se beneficia disso, ao passo que o grosso da população empobreceu mais ainda. Outra consequência dessas medidas é a poluição ambiental ocorrida em muitos lugares, tanto no campo devido ao emprego de pesticidas quanto nas cidades devido à industrialização.

Um tribunal popular internacional realizado nos dias 3 e 4 de julho de 1993 em Tóquio incriminou os governos dos países do Grupo dos Sete (...) de imporem aos países do Terceiro Mundo programas de ajuste estrutural sem o consentimento e contra os interesses dos habitantes destes países.³

Ainda assim, os países que querem sair desse programa são ameaçados com sanções econômicas. Se não têm o sinal da besta na mão ou na testa — ou seja, se não se submetem às regras do jogo do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial —, não se faz comércio com eles. São desconsiderados e inteiramente entregues à ruína.

Quarta Característica da Besta: Asseguramento do Poder para o Futuro

Um sistema com tal poder econômico naturalmente também dispõe de mecanismos para assegurar esse poder para o futuro. Gostaria de me restringir a um exemplo. Trata-se da área de ciência e pesquisa. O Primeiro Relatório Mundial de

Ciência da ONU constata que a ciência e pesquisa tornam-se cada vez mais um monopólio das nações ricas e que 80% de todos os projetos de pesquisa são empreendidos por um punhado de países industrializados. Os japoneses investem 1.225 marcos por habitante a cada ano; os países europeus, 525 marcos; a Nigéria, 39 centavos.

“O abismo que separa os estados pobres e ricos é atualmente um abismo de saber”, comenta, concluindo, o diretor geral da UNESCO, Federico Mayor⁴. Está claro que, assegurando o *know-how* tecnológico, os ricos países industrializados também asseguraram já agora para as próximas décadas sua posição de poderio econômico sobre os países do Terceiro Mundo.

Também no texto do Apocalipse se fala repetidamente da forma como a besta exerce seu poder (nos versículos 12-14, p. ex.). O que está em pauta na distinção do bem e do mal é, em última análise, a questão do poder. Naturalmente a ciência e pesquisa são necessárias e importantes para a humanidade. Entretanto, tão logo são abusadas para perpetuar o poder sobre terceiros e para ampliar privilégios de algumas poucas nações em relação a outras, elas se convertem em instrumento do mal.

Quinta Característica da Besta: Encobrimento de Suas Verdadeiras Intenções

Como vimos, o animal tem sete cabeças. Cada uma delas é responsável por determinada função. Só em sua totalidade, na atuação conjunta dos diversos mecanismos, a lógica do sistema econômico mundial pode ser captada corretamente. Faz-se muito para dar outro aspecto a suas dúbias formas de agir. Isso pode ser bem exposto com o exemplo da ajuda para o desenvolvimento. Esta ajuda exerce uma importantíssima função estabilizadora do sistema, pois serve para transmitir aos abastados do norte, tanto a indivíduos quanto a instituições como o Estado e não raro também às igrejas, a sensação de que prestam bastante ajuda aos pobres do sul e, conseqüentemente, de que as coisas podem continuar como estão e eles podem ficar de consciência tranqüila.

Em seu livro *Unter die Deutschen gefallen*, o nigeriano Chima Oji⁵ chama a atenção para o fato de que o desconhecimento das causas verdadeiras, economicamente condicionadas da pobreza no Terceiro Mundo faz com que muitas pessoas na Alemanha encarem meramente a seca, conflitos tribais, a burrice ou a preguiça como causas da mortalidade infantil e do subdesenvolvimento. Correspondentemente, muito poucas concebem a ajuda em termos de mudanças estruturais e criação de uma nova ordem econômica mundial, e sim meramente em termos de ação caritativa. A menção do número de contas bancárias logo após a apresentação de imagens da mais crassa pobreza na televisão contribui decisivamente para que as coisas só sejam atacadas em sua superfície.

“O equilíbrio de solidariedade dentro da ajuda para o desenvolvimento consiste naquilo que os países doadores dão em termos líquidos aos países rece-

bedores sem compensações equivalentes.”⁶ Mas é exatamente isso que muitas vezes não acontece. Justamente a política estatal de desenvolvimento é instrumentalizada em grau crescente para a exploração de novos mercados tanto em países do Terceiro Mundo quanto em países do leste. Jornais alemães falam disso sem rodeios. “Foram-se os tempos em que o Ministério de Cooperação Econômica seguia uma política separada dos interesses da economia alemã. Novos desafios exigem uma aliança estratégica entre economia e política de desenvolvimento.”⁷

Mais importante do que esse tipo de ajuda para o desenvolvimento seria a negociação de condições justas de comércio, que possibilitaria aos produtos oriundos dos países mais pobres uma chance genuína — e com preços justos! — nos mercados internacionais. Pois as perdas dos países em desenvolvimento devido a restrições comerciais das nações industrializadas — justamente daquelas que defendem a economia de livre mercado — são duas vezes maiores do que as quantias de dinheiro que todo o Terceiro Mundo recebe por ano a título de ajuda pública para o desenvolvimento. Isso é puro cinismo! Mas os países em desenvolvimento têm que ser gratos por receberem qualquer ajuda para o desenvolvimento, pois, em vista da impotência para mudar algo na ordem econômica mundial, a gente aceita o que ganha. A besta domina também a consciência!

Basta isso, porém. Permitam-me concluir o primeiro capítulo, que tratava do animal, com o versículo 4 do mesmo capítulo 13, que diz: “E todos adoraram a besta, dizendo: Quem é semelhante à besta? quem pode pelear contra ela?”

Segundo Capítulo: e como Fica a Esperança de Justiça?

Existe espaço para um segundo capítulo que trate da justiça, se todos adoram a besta e não se encontra ninguém que pudesse lutar com ela? De fato, os sacerdotes que disseminam o culto da besta já falam, como se sabe, do “fim da história” (Francis Fukuyama)!

Para antecipá-lo de imediato, prezadas irmãs e irmãos, precisa haver um segundo capítulo. Justamente nós, que cremos num Deus de justiça, não podemos nos dar por vencidos. Confiamos que seu Espírito faça novas todas as coisas e derrube os poderosos de seu trono. E confiamos que também nós — embora nossas roupas não estejam inteiramente sem manchas da besta — sejamos movidos por esse Espírito para defender a justiça. Teríamos entendido o livro do Apocalipse de modo inteiramente errôneo se ficássemos presos na resignação. Pois ele foi escrito com o objetivo expresso de conclamar as comunidades à resistência contra o mal e mantê-las na esperança de um novo céu e uma nova terra onde habite justiça. E isso não apenas no além.

Gostaria de detectar alguns sinais de esperança. Eles podem ser pequenos em vista da supremacia dos problemas mencionados acima. Por ora talvez só possam

ser percebidos como envoltos por uma espessa neblina. Mas eles estão aí e revelam algo novo.

Inicialmente menciono alguns sinais que permitem reconhecer que o sistema dominante apresenta rachaduras.

1. Uma dessas rachaduras é mostrada pela evolução dos acontecimentos no mercado de trabalho. Sem trabalho e sem desempenho não existe acesso ao templo do consumo. Mas agora faltam justamente empregos. Nesse meio tempo o exército de desempregados nos países industrializados chegou a 30 milhões de pessoas. Isso quer dizer que justamente onde o sistema econômico é apregoado como modelo para todos os outros países e onde deveria funcionar otimamente ele evidencia sensíveis pontos fracos. É preciso imaginar: o que significa para um sistema econômico, o que significa para os alemães, p. ex., que na maior profundidade de sua humanidade se definem justamente através do trabalho, se lhes falta exatamente o trabalho? Em minha opinião o alcance desse fato nem de longe foi apreendido ainda.

2. O que significa, além disso, para um país como a Alemanha, onde, afinal, a economia de mercado proporcionou um considerável bem-estar, o fato de que de repente mais de um milhão de famílias estão irremediavelmente endividadas? Tudo indica que a certa altura essas pessoas não poderão mais pagar seu aluguel, que abandonarão seu círculo de amigos e descerão cada vez mais. Quem as acolherá? O pai Estado está demasiadamente exigido. Também a rede de relações interpessoais não sustenta as pessoas neste país. Estruturas velhas como a grande família sucumbiram e não foram substituídas. É-se involuntariamente lembrado de uma expressão de Alexander von Mitscherlich, que já há 20 anos falava de uma "sociedade sem pai". Entretanto, é preciso fazer um acréscimo: deve-se falar agora também de "sociedade sem irmãos". O que acontece, no fundo, numa sociedade em que as relações interpessoais se definem através da economia se um número cada vez maior de pessoas fica sem dinheiro?

3. Mas também entre a população cresce paulatinamente, se não a consciência, pelo menos a suspeita de que o crescimento tem limites; que a longo prazo nem o ser humano nem a natureza suportam que os recursos naturais sejam saqueados e se produza cada vez mais lixo; que o estilo de vida aqui só pode ser mantido à custa de pessoas em outras partes do mundo e que isso poderia refletir-se devastadoramente nestas latitudes, p. ex. através do assalto de refugiados e num levante dos pobres que não se possa mais reprimir.

4. Por mais contraditório que possa parecer, gostaria de encarar como sinal de esperança o fato de que nas nações industrializadas as igrejas de bases populares estejam numa grande crise. Elas não se afastaram com suficiente clareza dos valores que caracterizam esta sociedade e toda a estrutura da cultura ocidental. Entraram num cativoiro. Ainda estão, decerto como resíduo de uma compreensão constantiniana de Igreja, aliadas com o poder. Como Igreja neste mundo a Igreja sempre se encontra *na* sociedade e em suas estruturas, e não fora delas. Mas

quando estabelece uma relação incestuosa com a sociedade e seus valores, ela trai a causa do reino de Deus.

Por causa dessa aliança nunca realmente rescindida as igrejas da Europa perdem cada vez mais credibilidade. Perdem-na junto aos ricos porque sua mensagem não se distingue com suficiente clareza daquilo que a religião do mercado também oferece. E perdem-na junto aos pobres porque constantemente deixam de tornar-se advogadas da causa deles. Onde, porém, a Igreja se envolve com os pobres, age de modo meramente poimênico-diacônico. Ela não trabalha de maneira suficientemente resoluta junto com eles na busca de uma nova sociedade. Ainda visa excessivamente a conservação de suas posses e anseia participar das estruturas de poder econômico, p. ex. através do imposto eclesiástico.

Se a Igreja na Alemanha quiser adquirir mais credibilidade, ela precisa tornar-se mais pobre. Digo isso a partir da experiência de uma parte da Igreja latino-americana que reencontrou sua essência intrínseca distanciando-se dos poderosos e de suas maquinações. Dessa maneira ela ganhou credibilidade junto aos pobres.

Mas — e também gostaria de expressar isto com clareza — o que me consola constantemente em relação à situação eclesiástica reinante na Europa é o conhecimento, ou melhor, a fé de que a Igreja de Jesus Cristo é maior do que a hierarquia eclesiástica e suas instituições e que o horizonte dessa Igreja é mais amplo do que o horizonte da sociedade e da cultura ocidentais. Também aqui na Europa articula-se uma Igreja a partir de baixo, com uma postura crítica em relação à sociedade, de modo profético, solidário e ecumênico. Cresce o número de pessoas que sofrem por causa da Igreja assim como ela é: na Europa, na América Latina, na África, na Ásia e em outros lugares. Todos nós juntos somos arautos de uma nova Igreja. Em muitas partes da cristandade mundial está ocorrendo uma “eclesiogênese” (Boff); em toda parte cresce no velho tronco um broto novo, que corresponde mais ao verdadeiro rosto da Igreja de Jesus Cristo no Novo Testamento. Assim eu também gostaria de entender a crise das igrejas alemãs como uma crise salutar, e até como obra do Espírito Santo. Essa obra — e não poderia ser de outra forma — está voltada para o longo prazo. Pois primeiro a pressão sobre as igrejas precisa intensificar-se ainda mais até que alguma coisa aconteça nos andares de cima. Mas a renovação da Igreja virá, e virá a partir de baixo. A periferia sempre foi o lugar preferencial da revelação de Deus.

Observações Finais

Falei dos sinais de desgraça neste mundo. Comparei a estrutura capitalista de poder e mercado com a besta do livro do Apocalipse. Todos adoram o animal e dele esperam salvação. E ele se revela como um ídolo a exigir muitos sacrifícios e vítimas.

Ainda assim, precisamos constatar com toda a sobriedade que no momento não existe alternativa ao sistema dominante. Isso gera desamparo. Mas não nos

impede de perguntar mais decididamente ainda pela qualidade ética desse sistema. Entre nós na América Latina, p. ex., ele proporcionou mais riqueza, porém não mais justiça social. Ora, um sistema que só é bom para alguns poucos de modo algum pode ser suficientemente bom para nós, cristãos. Também um número crescente de pessoas aqui nos novos estados da República Federal da Alemanha estão fazendo essa amarga experiência.

Então opinei que o sistema econômico ocidental já mostra rachaduras. Trata-se aí, ao meu ver, de indícios, imanentes ao sistema, da decadência de uma estrutura de poder imperial. Por mais poderoso que seja um sistema, ele sempre já carrega em si o verme da autodestruição na mesma medida em que se arvora em portador da salvação. A tradição bíblica o interpreta como juízo de Deus.

Por fim falei da Igreja. Com apreensão por causa de seu estado atual. Mas também com esperança, por causa dos sinais de sua renovação. Para mim a Igreja é um portador de esperança para a configuração de uma sociedade alternativa. Entretanto, não como se só ela fosse responsável por isso ou o pudesse realizar sozinho. Ela não pode querer se distanciar das estruturas de poder deste mundo e, ao mesmo tempo, cultivar fantasias ocultas de onipotência. E também não precisa fazer isso. Felizmente o Espírito de Deus também ainda atua fora da Igreja e, se preciso for, até contra a Igreja. Eu mesmo me sinto chamado a dar minha contribuição para a justiça dentro da Igreja. E o fato de poder fazer isso não sozinho, mas junto com outras irmãs e irmãos aqui e em outras partes do mundo me enche de confiança e esperança.

Vejo muitas trevas ao meu redor, mas a fé não é um pássaro que já canta enquanto ainda é noite?

Notas

- 1 Palestra feita no Dia dos Católicos Alternativo, realizado em Dresden (ex-República Democrática Alemã) em 02-07-1994.
- 2 Quanto à problemática dos programas de ajuste estrutural, cf. o ensaio do economista tanzaniano Rogate MSHANA, *Wirtschaftlicher Neokolonialismus durch Struktur Anpassungsprogramme in Afrika*, *Nordelbische Stimmen*, Kiel, nov. 1993, pp. 332-342.
- 3 ID., *ibid.*, p. 332.
- 4 *Frankfurter Rundschau*, 15-02-94, p. 1.
- 5 Chima OJI, *Unter die Deutschen gefallen*, Wuppertal, Peter Hammer, 1992.
- 6 J. von STOCKHAUSEN, *Entwicklungshilfe im Spannungsfeld von politischen Interessen und sozialer Gerechtigkeit*, *Aus Politik und Zeitgeschichte*; Beilage zur Wochenzeitung Das Parlament, Bonn, 20-05-94, p. 3.
- 7 Afirmação de Klaus OHLER, do Ministério de Cooperação Econômica, *Presspiegel*, Bonn, nº 10/94 15-05-94, p. 294.

Lothar C. Hoch
Noldering 27
25436 Tornesch — Alemanha